

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

**As Lógicas de Classificação do Corpo Feminino: Uma Análise Antropológica Sobre a
Construção do Corpo Feminino Entre um Grupo de Mulheres na Academia Corpo
Saudável, Maputo.**

Autor: Tomás Félix Buque

Supervisora: PhD. Sandra Manuel

Maputo, Dezembro de 2015

As Lógicas de Classificação do Corpo Feminino: Uma Análise Antropológica Sobre a Construção do Corpo Feminino Entre um Grupo de Mulheres na Academia Corpo Saudável, Maputo.

Trabalho de Culminação de Estudos na Modalidade de Projecto de Pesquisa submetido no Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

Autor: Tomás Félix Buque

O supervisor

O presidente

O oponente

Declaração de Originalidade

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação, estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico.

Tomás Félix Buque

Maputo, Dezembro de 2015

Dedicatória

À memória do meu pai Félix Eugénio Buque.

E a minha mãe Isabel José Mbazima.

A minha irmã Rosa TaeroBlaunde pelo encorajamento e incentivo que me conferiu durante todo o processo da minha formação académica.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a minha irmã Rosa Taero Blaunde pelo afecto inabalável e pela ajuda concreta, e a minha supervisora Dra. Sandra Manuel, cuja atenção, paciência, simpatia, desde a fase embrionária do presente Relatório, foram de extrema importância. Aprendi, aprendo e espero ainda aprender muito com ela.

Aos funcionários da Academia Corpo Saudável, pela autorização para a realização de recolha de material etnográfico. E as interlocutoras deste estudo, pela consideração, pelo tempo dispensado e pelos ensinamentos que com elas pude colher durante as entrevistas e conversas, sem elas esta pesquisa não se iria materializar. Meu muito obrigado!

Um agradecimento a todos docentes de Departamento de Arqueologia e Antropologia que leccionaram-me durante os quatro anos de licenciatura, os ensinamentos compartilhados de forma bastante descontraída e inteligente são de inestimável valor.

Aos colegas do curso de Licenciatura em Antropologia (2011-2014), em especial aos colegas do grupo nomeadamente: Auasse, Carla, Langa, Pembelane, Pumule e Simango, que partilharam comigo os quatro anos de formação, pelas alegrias e as angústias compartilhadas em momentos de menos lucidez. Um muito obrigado vai para Mariza Chivangue que deste o início do meu curso sempre me apoio na localização e compreensão de assuntos de relacionados com antropologia.

À minha namorada Lisete Raul, por ter estado sempre comigo em todos momentos bons e maus, por me apoiar, me concentrando e me distrair!

À todos meus amigos que directa e indirectamente participaram no processo da minha formação, Ivan Machuze, Hélio Roque. Gonçalves Muianga, José Massango e Juvenal Matavel. Ao Bruno Munguambe muito obrigadopelo apoio no momento em que tanto precisei, podendo assim, estender a mão no início da formação.

Enfim, este trabalho é fruto da convivência e encontros com todas as figuras supracitadas.

Resumo

O presente estudo tem como objectivo compreender as diferentes lógicas, os discursos e os significados associados à prática da ginástica para explicar a construção do corpo perfeito, usando a ginástica como uma técnica para a modificação do corpo desejado. O estudo teve como campo de análise na Academia Corpo Saudável em Maputo, distrito Municipal Ka Mavota, no Bairro de Laulane.

Neste estudo, a ginástica é compreendida como o meio de vivenciar o sentido do corpo perfeito, enquanto que o corpo e a beleza são compreendidos como elementos construídos socialmente nas relações que as mulheres analisadas apresentam.

O pesquisador compreendeu que o corpo perfeito é definido como aquele que apresenta uma barriga bem estruturada com poucas gorduras localizadas e tonificada, que não deve estar acima do peso desejado. E a ginástica acompanhada com uma dieta alimentar permite alcançar o corpo perfeito.

No percurso do estudo o pesquisador recorreu o uso de método etnográfico de carácter exploratório, colhendo dados através da observação e das entrevistas semi-estruturadas e as conversas informais.

No que tange as teorias, optou-se, pelo uso de duas teorias respectivamente: construtivista, que explica o corpo como uma construção social que contém significados e completa uma estrutura das relações sociais em cada contexto social, ultrapassando assim, a dimensão biológica, que olha o corpo numa perspectiva mecanicista e/ou objectivista. E a teoria das representações sociais que olha o corpo como um fluxo que o indivíduo auto-instruí ao longo vida, permitindo o reconhecimento da existência de si no meio onde está inserido.

Palavras-chave: Conceção Corpo, Ginástica/exercício físico, Beleza

Índice

Declaração de Originalidade.....	iii
Dedicatória.....	iv
Agradecimentos	v
Resumo	vi
CAPÍTULO I	1
1.1 Introdução	1
1.2 Pertinência e Justificativa do tema.....	1
1.3 Pertinências antropológicas	3
1.4.2 Corpo.....	4
1.4.2 Ginástica	6
Capitulo II.....	8
2.1 Revisão da literatura	8
2.2 Fundamentação teórica e conceptualização	11
2.3 Conceitualização do corpo, ginástica beleza	14
2.4.1 Corpo.....	14
2.4.2 Ginástica	15
2.5 Beleza.....	17
CAPÍTULO III.....	18
3.1 Procedimentos Metodológicos.....	18
3.2 Métodos e técnicas de pesquisa no campo.....	18
3.3 Processo de selecção na inclusão e exclusão na pesquisa.....	20
3.4 Perfil dos Interlocutores	21
3.4.1 Desafios e Constrangimento no campo de estudo	21
CAPÍTULO IV.....	22

4.1 Apresentação e Análise do material etnográfico	22
4.2- Concepção do corpo perfeito, construído pelas mulheres em análise.	22
4.3 Ginástica como meio de modelação dos corpos	24
4.4 Discursos convergentes e divergentes nas abordagens apresentadas pelas mulheres em análise na construção do corpo.	28
CAPÍTULO V	30
5.1 Considerações finais	30
Referências Bibliográficas	32

CAPÍTULO I

1.1 Introdução

O presente relatório de pesquisa está inserido no âmbito da obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia pela Universidade Eduardo Mondlane. O mesmo enquadra-se na antropologia da Cultura e Sexualidade e tem como tema: *As Lógicas de Classificação do Corpo Feminino: Uma Análise Antropológica Sobre a Construção do Corpo Feminino Entre um Grupo de Mulheres na Academia Corpo Saudável, Maputo.*

O estudo procura compreender as lógicas, os discursos e os significados que são associados à prática de ginástica por mulheres para explicar o corpo. Duma forma específica procurou, a) discutir o conceito “corpo perfeito” apreendido sob várias perspectivas das mulheres que frequentam o espaço em análise; b) Identificar os mecanismos e procedimentos individualmente usados pelas mulheres com vista a conceber a noção do “corpo perfeito”; e c) Analisar as formas de pensamento comuns e divergentes entre as mulheres sob o conceito “corpo perfeito”.

Tal como sustenta Perrot (2005), “O corpo está no centro de toda relação de poder, mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica”, o que torna os modos das mulheres com relação aos seus corpos – vestimentas, gestos, fala, belezas e outros elementos.

A análise focaliza-se na mulher e no corpo feminino, visto que as mesmas são tidas durante as entrevistas como aquelas que mais se interessam com a questão do corpo no geral, e beleza particularmente.

1.2 Pertinência e Justificativa do tema

O tema em análise surge quando, a saída do cinema às 22 horas e 30 minutos, numa Sexta-feira, o pesquisador e alguns amigos decidiram ir dar uma volta à Rua de Bagamoyo. No mesmo espaço o pesquisador e amigos deles tiveram oportunidade de ver várias mulheres agrupadas e outras separadas em vários cantos, o espaço está de lado direito para quem vai a praça dos trabalhadores, nele estavam paradas duas jovens com características físicas diferentes e trajadas de maneira completamente diferente. Foi quando dois dos amigos (Ivan e Gonçalves) disseram aquelas moças são boas pah! Elas têm um corpo bonito e são bonitas. De igual modo o terceiro (Flag) afirmou que elas não são bonitas, apenas têm um corpo perfeito. Isso criou uma certa

conversa durante o regresso à casa, em procurar perceber o que é ter um “*corpo bonito*”, “*ser boa*” e “*ter um corpo perfeito*”.

E dois dias depois de ter estado com meus amigos via na televisão Mira – Mar, um programa brasileiro e o nome são *estilo e saúde*, onde se falava sobre a ginástica no campo da beleza e saúde, e explicava como obter um corpo saudável e perfeito. Considerando o corpo perfeito aquele que apresenta uma estrutura corporal sem defeitos, isto é, barriga sarada e bronzeada, músculos firmes, e que isso só pode ser possível a partir de exercício físico.

É a partir destes dois pontos que o pesquisador ficou inquietado, em querer saber o que é um corpo bonito, corpo perfeito, a partir de um determinado exercício, com objectivo de compreender as lógicas, os significados e os discursos. Diante os discursos apresentados, suscitou ao pesquisador a seguinte questão: *Até que ponto pode afirmar que a mulher de tal possui um modelo do corpo e de que forma a ginástica no ginásio pode ser vista por algumas mulheres como o espaço para a construção e manutenção dos seus corpos.*

Nesta ordem de ideia, permitam referir que uso os conceitos corpo perfeito, corpo bonito e corpo em forma como sinónimos do corpo belo, ou seja, da beleza e o bem-estar do indivíduo. De igual modo estes conceitos variam de contexto para contexto, como refere Berger (2006), ao falar da beleza devem-se olhar vários aspectos a considerar. Isto porque não só variam os indicadores de beleza de época em época, mas também a própria importância da beleza e os mecanismos para alcançá-lo. Além da época histórica, a geografia também interfere no peso dados à beleza e nos seus indicadores, na medida em que, o que é belo no espaço urbano não é necessariamente no espaço rural.

De igual modo, Travaillot (1998), acrescenta que a beleza se configura como necessidade, na medida em que esta está ligada ao prestígio social da mulher, de sua capacidade para fazer-se bela. Falar da beleza não é percebida tanto em termos do corpo se adequar a uma forma preconcebida, é mais um estado de espírito que associa bem-estar físico ao equilíbrio emocional, rompendo em parte com os modelos hegemónicos que definem a mulher bonita como magra, malhada, tonificada, mesmo entre estas mulheres, às vezes a estética vai se infiltrando no discurso, como algo que elas não gostariam de valorizar, mas que também não conseguem abstrair de todo.

1.3 Pertinências antropológicas

Olhando para antropologia como ciência que estuda os processos institucionais no seu sentido mais amplo, o estudo enquadra-se na ciência antropológica, na medida em que a pesquisa procura nas diversas instituições sociais para compreender, as lógicas, os discursos e, produzido pela categoria alvo de estudo, passando pelos diversos sítios onde as mulheres se encontram agrupadas como forma de impor o seu corpo e competir sobre o mesmo.

A partir da Modernidade, então, verifica-se uma proliferação de campos de verdades sobre o que é o corpo humano, o qual é focado sobre os mais diversos saberes emergentes: a medicina, a biologia, a antropologia, as ciências sociais, a economia, a demografia, a psiquiatria, o direito, a psicologia, a higiene, a política e outros. Neste contexto, o corpo passa por dois deslocamentos transformadores de sua disposição no campo dos discursos. Por um lado, foi a partir da Modernidade que o corpo obteve um “status” de profundidade a ser discursivamente vasculhada, definida e explorada, de forma que a tridimensionalidade dos corpos passa a ser validada como contexto epistemicamente possível de se tornar objecto de pesquisa. (Silveira 2008: 739).

Desta forma, o conceito (corpo) é discutido particularmente na disciplina de Antropologia da Cultura e Sexualidade que é o foco da pesquisa, como o lócus privilegiado da acção do poder e de controlo social. Assim, os corpos trariam impressos em si as marcas da cultura e não da natureza (Foucault 1980), e Saúde-Doença a corporalidade é percebida enquanto constitutivo físico da dor/sofrimento e da satisfação/prazer. Neste registo, se traz à tona o corpo como expressão das sensações e a mente como motor das emoções/sentimentos (Bellaguarda, et al. 2011) e no geral na antropologia, onde por sua vez a análise antropológica atribui ao conceito corpo uma dimensão social e histórica, pertinente a um contexto específico.

O corpo feminino é um “corpo-para-outro” objectificado pelo olhar e pelo discurso dos outros. A relação de mulher com o próprio corpo não se reduz à auto-imagem corporal, desta forma a estrutura social desta relação está na interacção, nas reacções, na representação que um corpo provoca no outro e como essas reacções são percebidas (Bourdieu 1999: 82).

Hastrup (1995), afirma que para os antropólogos a questão do corpo gera outros questionamentos. Por um lado, os de tipo metodológico propondo uma reflexão sobre o logocentrismo, a escrita, a visualidade, ou a performance como instrumentos expositivos

questionáveis ou potenciáveis a partir do corpo. Por outro lado, os que prendem com a possibilidade de estabelecerem pontes (Ou pelo contrario, cortes) entre modelos linguísticos textuais, simbólicos, cognitivistas, fenomenológicos, hermenêuticos, ou pragmatistas.

Para Sant'anna (2002) assim como Foucault (1976), o investimento actual sobre os corpos assume a forma de um controlo e estímulo. Dessa maneira o corpo não seria mais reprimido, mas estimulado a ser cada vez mais saudável jovem e fonte de prazeres. Tantas exigências acabariam por provocar uma vontade incessante de proteger e adular o corpo (cuidados antes dirigidos à alma), o que significaria uma melhor maneira de cuidar de si, de afirmar a própria personalidade e ser feliz.

Os autores acima supracitados concordam, que o conceito de corpo, pode ser visto como reflexo da conjuntura social e cultural. Pois este conceito depende da época, do lugar, da classe social, dos valores individuais e das concepções científicas, religiosas e filosóficas de cada período histórico.

1.4 Contextualização

1.4.1 Breve historial do corpo e ginástica

Neste subcapítulo pretenda-se apresentar historicamente os conceitos de corpo e ginástica.

1.4.2 Corpo

Historicamente o corpo tem se mostrado de várias formas e em algumas conjunturas ele tem sido fundamental para compreender e expressar as características da organização social a qual se insere. Assim, embora o corpo humano seja constituído por elementos biológicos, ele é, sobretudo, uma construção sociocultural, de tal modo que, em qualquer sociedade, o corpo sempre estará submetido a um conjunto de normas e práticas de interdição, fruição, controle (Trinca 2007).

Segundo Casimiro e Galdino (2012), durante a Idade Média, o corpo foi alvo de repúdio e condenação por parte da igreja, mas a partir do século XVII, com a consolidação da Modernidade, o mesmo passou a ter um novo papel social e na história. Um movimento ocorrido

na Europa, conhecido como Renascimento, possibilitou a transição do modo de pensar medieval para uma nova abordagem do homem, iniciando a libertação das amarras da igreja.

As regras que regularizavam o convívio em sociedade pouco a pouco se diferenciaram daquelas ligadas à igreja. O homem passou a cultivar a si próprio.

As leis sobre o funcionamento da sociedade agora eram ditadas pela razão, e questões como os sentimentos, as emoções, a sexualidade, que durante a Idade Média eram tidos como acções pecaminosas, foram incorporados pela nova sociedade (Foucault 1979).

“O florescimento científico do século XVII não foi importante apenas do ponto de vista da libertação do corpo em relação aos interesses da Igreja, mas fomentou uma maior liberdade para as actividades comerciais da burguesia, já que tais actividades eram limitadas no período medieval. Todo esse processo favoreceu o surgimento de um novo modo de produção: o Capitalismo. Nesse sentido, a sociedade passou, então, a ser organizada de acordo com a ordem burguesa” (Aranha & Martins 1996).

É nesse período que surgiram as indústrias, as fábricas, agora construídas a partir da utilização da tecnologia e dos avanços científicos.

Levando em consideração que a sociedade moderna foi caracterizada e controlada pela Razão, o corpo como elemento social, também não fugiu desse controle. O facto de ele ser considerado pelas Ciências Biológicas no final do século XVII, como uma máquina cheia de engrenagens reflecte a visão mecanicista baseada na visão cartesiana (corpo-alma) (*idem*).

Nesta ordem de ideias acima deixa claro que, a Modernidade se configurou como a época em que prevaleceu a competitividade e o individualismo.

O corpo humano passou a ter um papel importante dentro da sociedade contemporânea. Ao longo do século XX, o mesmo ganhou evidência por meio das novas tecnologias e, principalmente, através do “marketing¹” de produtos e de estilos de vida, e o desejo de obter a perfeição física exigida pelos padrões da Contemporaneidade (Moreira 2006).

¹É um termo inglês que significa processo social no qual os indivíduos ou grupos obtêm o que necessitam e desejam através da criação, oferta e troca de produtos de valor com os outros.

Daolio (1995), afirma que o controle sobre o corpo se faz necessário para a existência da cultura, apesar de ser variável entre as sociedades ao longo do tempo. A sociedade actual valoriza determinado padrão corporal, mesmo assim os corpos se diferenciam uns dos outros, em consequência de símbolos e valores colocados pela sociedade. A partir do século XX, o corpo passou a ser, de facto, um produto comercializado, e virou o desejo de consumo das mais diferentes camadas sociais.

O corpo humano passou a ter um papel importante dentro da sociedade contemporânea ao longo do século XX, o mesmo corpo ganhou evidência por meio das novas tecnologias e, principalmente, através de produtos e de estilos de vida, e o desejo de obter a perfeição física exigida pelos padrões que a actualidade exige..

No que concernem os padrões de beleza do corpo, fica claro que diferentes modelos de conceito beleza estiveram sempre expostos nas sociedades. No século XVIII, as mulheres usavam corpete por baixo dos longos vestidos para afinar a cintura, mostrar o decote e os quadris, pois era uma maneira de ficarem bonitas para os padrões exigidos na época (Daolio 1995).

“Estudos mostram que as diferentes sociedades, ao longo da história, sempre ostentaram um padrão de corpo e de beleza próprio, bem como, na Contemporaneidade, há uma explícita tendência à super valorização da aparência, o que leva as pessoas a buscarem formas corporais consideradas ideais para que sejam aceitas e admiradas na sociedade”(idem).

Santaella (2008) “afirma que, actualmente, a mídia é um dos meios de difusão e capitalização do culto ao corpo, consolidando tendências de comportamento. Outro factor decisivo, levantado por este autor, é a indústria da beleza que, através do *marketing*, influencia as atitudes das pessoas, fazendo com que elas busquem esse padrão de beleza vigente a qualquer custo. Todas as novidades relacionadas ao corpo resultam do fascínio da sociedade em busca das novidades e tendências que dizem respeito à prática de actividade física, às dietas exóticas, às cirurgias plásticas, ao uso de produtos e cosméticos que prometem um corpo com aparências ideais”.

1.4.2 Ginástica

Quando se fala da história da Ginástica confunde-se com a história do Homem. A Ginástica entendida como a prática do exercício físico ”vem da Pré-história, afirma-se na Antiguidade,

estaciona na Idade Média, fundamenta-se na Idade Moderna e sistematiza-se nos primórdios da Idade Contemporânea”. No homem pré-histórico a actividade física tinha papel relevante para sua sobrevivência, expressa principalmente na necessidade vital de atacar e defender-se. O exercício físico de carácter utilitário e sistematizado de forma rudimentar era transmitido através das gerações e fazia parte dos jogos, rituais e festividades (Ramos 1982:15).

Na Antiguidade, principalmente no Oriente, os exercícios físicos aparecem nas várias formas de luta, na natação, no remo, no hipismo, na arte de atirar com o arco, como exercícios utilitários, nos jogos, nos rituais religiosos e na preparação guerreira de maneira geral (idem).

Na Grécia nasceu o ideal da beleza humana, o qual pode ser observado nas obras de arte espalhadas pelos museus em todo o mundo, onde a prática do exercício físico era altamente valorizada como educação corporal em Atenas e como preparação para a guerra em Esparta. O facto de ser a Grécia o berço dos Jogos Olímpicos, disputados 293 vezes durante quase 12 séculos (776 a.C-393 d. C), demonstra a importância da actividade física nesta época. Em Roma, o exercício físico tinha como objectivo principal a preparação militar e num segundo plano a prática de actividades desportivas como as corridas de carros e os combates de gladiadores que estavam sempre ligados às questões bélicas. Recordações das magníficas instalações desportivas desta época como as termas, o circo, o estádio, ainda hoje impressionam quem os visita pela magnitude de suas proporções (Ramos 1982:15).

Capítulo II

2.1 Revisão da literatura

A discussão sobre a construção do corpo na literatura assenta sobre duas principais abordagens: a abordagem biológica e a abordagem sócio-antropológica. Na perspectiva biológica concebe-se o corpo como um elemento natural. Esta abordagem caracterizou-se acima de tudo por procurar explicar o corpo de forma material por meio de leis independentes da visão do sujeito (Ferreira 1998:2), já na abordagem sócio-antropológica o corpo é construído socialmente e é compreendido de contexto para contexto.

A história do corpo tem se mostrado de diferentes formas e em algumas situações o conceito corpo permite compreender e expressar as características da organização social a qual se insere. Assim, embora o corpo humano seja constituído por elementos biológicos, o corpo é, sobretudo, uma construção sócio-cultural de tal modo que, em qualquer sociedade, o corpo sempre estará submetido a um conjunto de normas e práticas (Trinca 2007).

Jackson (1989), “afirma que a subjectividade está localizada no corpo, contrariando assim a ideia de cultura como algo de super orgânico. Usando um conjunto de ideias fenomenológicas e terapêuticas”.

Segundo comenta Strathern (1995), *que em princípio são gerais e transculturais, Jackson vai contra a posição simbolista, afirmando que o corpo não se limita a reflectir a sociedade. Ele não é apenas inscrito, como nas teorias de Durkheim e Mary Douglas; constitui-se a si mesmo como body-subject². O próprio conhecimento derivaria da empatia e do envolvimento prático e sensual – e não de princípios gerais. “O uso mimético do corpo seria a base para alcançar o sentimento de viverem comum com os outros”.*

Quando se fala de corpo em antropologia é incontornável o legado de Marcel Mauss, para quem toda a expressão corporal era aprendida, uma afirmação entendível no quadro da sua preocupação em demonstrar a interdependência entre os domínios físico, psicossocial e social. Mauss como Van Gennep mostraram que as técnicas do corpo correspondem a mapeamentos socioculturais do tempo e do espaço. Mauss argumenta que o corpo é ao mesmo tempo a

²Sujeito-Corpo

ferramenta original com que os humanos moldam o seu mundo e a substância original a partir da qual o mundo humano é moldado. O famoso ensaio sobre as técnicas do corpo abordava os modos como o corpo é a matéria-prima que a cultura molda e inscreve de modo a criar diferenças sociais. Isto é, o corpo humano nunca pode ser encontrado num qualquer suposto "estado natural" (Mauss 1980 e Van Gennep 1936).

Após a segunda metade do século XIX, a emergência da fotografia no campo científico, decompondo e investigando os movimentos do corpo animal e humano, contribuiu ainda mais para desenvolver uma concepção do corpo que o compreendeu como uma máquina em acção. A medicina fez do movimento corporal um símbolo efectivo de saúde, um modo fundamental de expressão de qualidade de vida.

Assim, a estrutura industrial e o discurso médico contribuíram para o surgimento de uma consciência mecânica do corpo, indispensável ao desenvolvimento do pensamento desportivo. Ao conceber o corpo menos como uma entidade e mais como um processo, sobre o qual se podia intervir para adequá-lo e agilizá-lo, abria-se, então, a possibilidade para a remodelação e reconstrução do corpo. Mas foi com o aprofundamento da “*cultura do consumo*”³ que o corpo passou a ser explorado como objecto rentável (Trinca 2007).

Segundo Viegas (2002), de certo modo, o corpo ideal grego, o belo, é e está mais vivo hoje do que nunca. E é a partir deste conceito, o de beleza, através das representações do corpo que pretendo compreender, na actualidade, conforme tenho visto essa mesma busca pelo equilíbrio na mulher em sua totalidade, também coordenada a uma alimentação equilibrada, cada vez mais disciplinar.

Tanto o exercício físico assim como o corpo são abordados pelos autores como categorias construídas para atingir os seus fins. O discurso contemporâneo sobre o corpo teria emergido de uma das maiores manifestações de uma crise na epistemologia e política do pensamento

³O termo “cultura do consumo” significa aqui, não apenas a compra de mercadorias para a satisfação das necessidades, mas também o consumo de imagens e de valores. Nesse sentido, ele pode ser entendido como um conjunto de símbolos que são criados e recriados associados aos bens materiais, produzindo comportamentos e novos modos de pensar, sentir e agir.

Ocidental, que levou ao questionamento de muitas premissas sobre a interdependência entre indivíduo e sociedade.

O corpo é o meio técnico, o primeiro e mais natural instrumento que o indivíduo utiliza para delimitar e definir a sua existência no mundo (Mauss, 1974). Local de encontro entre a natureza e a cultura (Lévi-Strauss, 1976), o corpo, na sua natureza universal, recebe inscrições e ordenações particulares que são dadas pela cultura. Assim, as concepções do corpo são indissociáveis das estruturas simbólicas das sociedades nas quais ele está inserido. Cada sociedade e cada época têm as suas técnicas corporais e maneiras de tratar o corpo que são passadas para os indivíduos de forma tradicional e eficaz, levando em consideração os elementos biológicos, sociais e psicológicos dos mesmos (Mauss, 1974).

Por ser social e culturalmente construído, o corpo é objecto de reflexões da Antropologia, que nas últimas décadas, tem privilegiado mais os estudos sobre as temáticas que relacionem o corpo e o uso que cada sociedade faz dele. Dentro dessas temáticas, há a necessidade, cada vez maior, de se compreender como ocorre a construção e a representação do corpo na contemporaneidade. Le Breton (2006; 2008), sobre os aspectos sociais e culturais do corpo tende como eixo de discussão a dimensão simbólica e as representações que os indivíduos fazem do corpo.

O autor analisa o corpo como uma estrutura simbólica, como uma forma de elaborações identitárias de grupos sociais e de elementos etnológicos. As circunstâncias históricas são responsáveis por moldar o corpo, que por sua vez é legitimado pelo contexto sociocultural. Segundo Le Breton (2008), vivemos em uma época em que o corpo, matéria modulável, pode ser concebido como acessório da pessoa, que o modifica de acordo com a ideia que faz dele. Ideia essa que advém das relações que são formadas na sociedade.

Por fim, a questão do corpo constitui um desafio no sentido de nos engajarmos no momento histórico em que vivemos momento esse que apela a uma "política da vida", como diria Anthony Giddens (1992), o corpo é um terreno privilegiado das disputas em torno dele, quer de novas identidades pessoais, quer da preservação de identidades históricas, da assunção de híbridos culturais ou das recontextualizações locais de tendências globais.

2.2 Fundamentação teórica e conceptualização

Teoricamente o trabalho assenta nas discussões construtivistas, discutidas a luz à luz de autores como Becker (1992), Carretero (1997) e Ferreira (1998) e, a teoria das representações sociais à luz de Moscovici (1989). O Construtivismo, explica o comportamento humano numa perspectiva em que o sujeito e o objecto interagem num processo que resulta na construção e reconstrução das estruturas cognitivas “A teoria construtivista sustenta que o individuo tanto nos aspectos cognitivos quanto sociais do comportamento como nos afectivos, não é um mero produto nem um simples resultado das disposições internas, portanto, o conhecimento para esta teoria não é uma cópia da realidade, mas sim uma construção do ser humano” (Carretero1997).

Construtivismo assume o ser conhecimento uma construção do sujeito cognoscente e pretende preservar a complexidade do fenómeno humano. Becker (1992), "Construtivismo, segundo pensamos, é esta forma de conceber o conhecimento: sua génese e seu desenvolvimento. É, por consequência, um novo modo de ver o universo, a vida e o mundo das relações sociais".

Na óptica de Ferreira (1998) “O construtivismo institui-se como uma concepção epistemológica antagónica à concepção objectivista, um dos fundamentos da ciência moderna, ou estabelece uma continuidade e ampliação das concepções anteriores sobre o conhecimento”

A perspectiva epistemológica construtivista, na psicologia é de que o homem procura de maneira consistente organizar suas várias experiências de vida através de conjuntos significativos e articulação de construções de conhecimento, permitindo-lhe localizar-se no mundo e realizar seus objectos pessoais, sem se preocupar com alcançar as representações verdadeiras (Ferreira 1998).

Ferreira (1998 e 2003), o construtivismo como teoria defende que o homem organiza várias experiências da sua vida através de um conjunto de significados que lhe permitem localizar-se no mundo e realizar seus projectos.

No estudo sobre os fenómenos humanos, esta teoria privilegia o estudo das lógicas particulares de funcionamento da pessoa relacionando os indivíduos a sua cultura, ao seu grupo social e ao momento histórico onde se inserem. E a articula com o conhecimento do senso comum porque é a partir destes que o homem comum desenvolve seu mundo simbólico (Idem).

Nesta busca da compreensão do mundo simbólico do indivíduo, construída na sua existência cotidiana, o pesquisador deve submeter-se a uma visão diferente da sua postura, de forma a compreender, de forma abrangente a experiência do outro. Porque o seu maior interesse é de compreender a singularidade do “outro”, tendo como base as construções da realidade deste (outro) mesmo que aparentemente estranha (Ferreira citado por Uamba).

Assim sendo, o Construtivismo faz uma ruptura com a perspectiva objectivista de explicação da realidade por levar em consideração as especificidades das concepções que o indivíduo organiza em torno do seu sistema de construto pessoal cuja estrutura tende a ser preservada.

A abordagem construtivista afirma que o corpo é socialmente construído reúne actualmente um relativo consenso. “A discussão resulta de divergências quanto aos mecanismos e processos que contribuem para a sua variabilidade social. Assim, mantêm a ideia de que o corpo é socialmente construído, mas podem discordar relativamente aos mecanismos e processos que contribuem para a sua variabilidade social. Em suma, o debate gira em torno da extensão pela qual o corpo é socialmente construído e que por sua vez o mesmo é usado para as representações assim com meio de um domínio social” (Nettleton 1998:9).

Moscovici (2003) salienta que, a teoria das representações sociais são constituídos como um processo de construção de conhecimento a corados na interpretação com implicações práticas, sendo compreendidas, quando se considera as condições de reproduções e estrutura da realidade social.

Essa teoria pode ser compreendida como forma de conhecimento constituído das interações sociais, este conceito é estudado em diferentes campos de saber, dentre eles sociologia, psicologia, filosofia e educação. Deste modo, uso a mesma numa perspectiva sociológica, pois no campo sociológico as representações sociais têm uma função de aprender experiências vivenciadas, através da circulação de interação entre os indivíduos.

Sustentando a ideia exposta acima, Judelet (1985), “diz que as representações sociais são modalidades de conhecimento prático que orienta para a comunicação e compreensão do contexto social e ideactivo em que os indivíduos habitam”.

É de salientar que, apesar de vários teóricos já terem trabalhado com este conceito representações sociais. Urge olhar esta teoria na óptica, de Simel, Weber e Lévy-Bruhl citados por Moscovici (1988).

Simel citado por Moscovici (1988), afirma que a representação era operadora que permite acções recíproca entre os indivíduos, e na sua descrição do formalismo, fazendo assim uma distinção entre formas e conteúdos, indicando que, a partir do estudo das formas, seria possível entender o funcionamento da vida social. Além disso, também afirma que a sociabilidade seria uma forma pura de interação, sem um fim da ordem ao estar junto, manutenção das relações sociais, destituídas de interesses.

De igual modo Weber citado pelo mesmo autor, faz uma teorização sobre a autonomia do mundo das representações, chamando a atenção para importância de se pesquisar as ideias como parte da realidade social e, para a necessidade de se compreender a que instancias do social determinado facto deve sua maior dependência.

Nesta ordem de ideia, Weber salienta que qualquer caso, a acção humana é significativa, assim deve ser investigada. Deste modo a representação seria para Weber um saber comum com poder de antecipar e prescrever o comportamento dos indivíduos.

Norteando ainda no pensamento de Moscovici (1988), Lévy-Bruhl, chama a atenção para a coerência dos sentimentos, raciocínios e movimento da vida mental colectiva. E para Lévy-Bruhl os indivíduos sofrem influências da sociedade na qual estão inseridos, e por isso exprimem sentimentos comuns que chama de representação. O que distingue uma sociedade da outra não é o nível de inteligência dos indivíduos, mas o tipo de lógica que cada uma utiliza para pensar sua realidade concreta (Moscovici 1988).

De referir que, são usadas estas duas teorias, pois relacionam-se com o meu trabalho, porque permitem de algum modo desconstruir a abordagem mecanicista, que defende que todos os fenômenos que manifestam nos seres vivos (homem) são mecanicamente determinados e, em última análise, essencialmente de natureza físico-química, deixando o aspecto cultural de fora no estudo do corpo. Esta abordagem é adoptada pela biologia que olha o corpo como um elemento natural.

As abordagens construtivista e teoria das representações sociais analisam o corpo como uma esfera construída socialmente do contexto para contexto, repudiando, assim, a ideia de que o corpo é proporcionado pela natureza, ou seja, é um elemento de carácter natural.

A abordagem da teoria das representações sociais no estudo do corpo versa que através das experiências individuais ou colectivas, a troca de vivência com outros, a cultura, valores e conceitos, todas essas acções são observadas através da expressão, que são realizadas por meio de um corpo, que implica na formação de um conjunto de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado (Jodelet 2001).

Desta forma, o corpo pode ser compreendido como fluxo de representações sociais que o individuo auto-instituí ao longo da vida, possibilitando o reconhecimento da existência de si e imbricado em funções de interação social (Novikoff 2014 e Slater e Usuh 1994).

2.3 Conceitualização do corpo, ginástica beleza

2.4.1 Corpo

corpo é definido como o âmbito do que é biologicamente dado, o material, o imanente. Também tem sido conceptualizado, desde o século XVII, como aquilo que estabelece as fronteiras entre o ser "interior" e o mundo "exterior" (Jaggar e Bordo 1997: 11).

O corpo é um agente cultural, cujas formas e significados mutantes refletem o conflito e a mudança históricos e no qual a política de género é inscrita com especial clareza (Bordo 1997:12).

O corpo é definido como construção histórico-cultural que carrega com sigo significados culturais que nos permitem compreender como os grupos sociais funcionam. Nesta lógica, cada sociedade possui o seu próprio significado do corpo e forma como esta é teorizada em cada uma das sociedades está ligada a noção de pessoa (Honório 2006 citado por Uamba 2013: 12).

Por sua vez, Andrade (2003) entende que o corpo é um constructo histórico, social e cultural, produzido de diversas formam em tempos e lugares diferentes. Podemos encontrar diversas representações de corpo na medicina, na biologia, na poesia, na cultura, na arte, na mídia, na

esfera económica e social. Nestas representações, há alguns tipos de corpos vistos como padrão, hegemónicos, porém existem também aqueles desviantes que insistem em fugir às regras.

Para Foucault (1988) citado pelo Santos e Salles (2009), o corpo é, simultaneamente, agente e objecto, dentro de um jogo de forças na rede social e, assim, torna-se um depositário de marcas e de sinais desses embates, que o tornam um verdadeiro campo de provas.

Os autores como Canesqui e Sepavichi (2010), o corpo é entendido como uma construção social, que compreende um conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma dada cultura. *Desta forma, a perspectiva antropológica, diz que o corpo é moldado tanto pela cultura quanto habita nele a ordem simbólica que ultrapassa a dimensão física, integrando-se a outras leis de relações sociais.*

O corpo aparece como Horizonte na possibilidade de intervenção e alteração também na condição natural do indivíduo.

Para Silva (2010), o corpo é socialmente construído tanto nas acções quanto nas formas do seu funcionamento, por revelar normas e valores dos contextos histórico-sociais, que fazem parte do indivíduo enquanto ser humano desde o primeiro momento da sua existência.

2.4.2 Ginástica

A Ginástica é entendida como a prática do exercício físico ”vem da Pré-história, afirma-se na Antiguidade, estaciona na Idade Média, fundamenta-se na Idade Moderna sistematiza-se nos primórdios da Idade Contemporânea”.

A denominação Ginástica, inicialmente utilizada como referência a todo tipo de actividade física sistematizada, cujos conteúdos variavam desde as actividades necessárias à sobrevivência, aos jogos, ao atletismo, às lutas, à preparação de soldados, adquiriu a partir de 1800 com o surgimento das escolas e movimentos ginásticos acima descritos, uma conotação mais ligada à prática do exercício físico. Segundo Soares (1994:64), a partir desta época, a Ginástica passou a desempenhar importantes funções na sociedade industrial, “apresentando-se como capaz de corrigir vícios posturais oriundos das atitudes adoptadas no trabalho, demonstrando assim, as suas vinculações com a medicina e, desse modo, conquistando status.

Ginástica é a exercitação corporal, o conjunto de exercícios físicos e mentais em acções que activem e solicitem os diversos sistemas e aparelhos orgânicos, visando o desenvolvimento de qualidades físicas, mentais e sociais do ser humano.

Ginástica é um método de condicionamento físico, que visa desenvolver a resistência muscular localizada de um músculo ou de um agrupamento muscular, tornando-o mais tonificado sem com tudo hipertrofiá-lo deixando o corpo mais firme (hipertonía) e resistente a fadiga. (Delgado s/d)
Segundo Castro (2001) ginástica é uma espaço privilegiado de sociabilidade nos dias de hoje, e a escolha da prática corporal como sendo uma das dimensões do estilo de vida dos indivíduos.

O exercício físico é hoje mais um acto social em estímulo atractivo, e pode se olhar o exercício físico como um movimento do corpo, que com frequência continua que produz um gesto energético, visto que, a actividade física surge, por outro lado, como estilo da vida segundo o âmbito no que se realiza (Toledo 2010:2).

Lopes & Piedade (1997) definem a Ginástica Aeróbica de uma forma mais específica mencionando que esta modalidade é constituída por rotinas coreográficas cujo conteúdo é criado a partir de habilidades motoras básicas, tais como o correr, andar, saltar, entre outras, sempre com um certo grau de expressividade corporal. Estes movimentos tornam-se mais complexos quando combinados com um trabalho de braços em todas as posições (flexão, extensão, abdução, rotação e circulação). São ainda realizados exercícios de alongamento e de tonificação muscular para abdominais, coxas, glúteos, braços e costas. De forma a tornar-se mais motivante e a impor um certo ritmo em cada fase da aula, deverá ser acompanhada por uma estrutura musical devidamente seleccionada.

Barbanti & Guiselini (1985) mencionam que a Ginástica Aeróbica é um programa de preparação física realizado para todas as idades e diferentes níveis de capacidade, sendo que a Ginástica Aeróbica é praticada, principalmente, em instituições particulares, como é o caso de ginásios, clubes e associações, mas também pode ser desenvolvida nas Escolas, nas aulas de Educação Física e nos núcleos de Desporto Escolar. Para além da diversidade de instituições em que a Ginástica Aeróbica pode ser praticada é também importante considerar quais as motivações das pessoas para praticarem.

2.5 Beleza

Beleza é tudo aquilo que pela sua forma ou estrutura e significado é capaz de produzir no sujeito, através da sensibilidade e da inteligência, sentimentos de admiração, aprazimento e adesão (Mondim 1981).

Para Kant citado pelo Mondim (1981), a beleza caracteriza-se simplesmente pelos efeitos subjectivos que o objecto origina no sujeito.

Segundo Travaillot (1998), a beleza se configura como necessidade, na medida em que esta está ligada ao prestígio social da mulher, de sua capacidade para fazer-se bela. Falar da beleza não é percebida tanto em termos do corpo se adequar a uma forma preconcebida, é mais um estado de espírito que associa bem-estar físico ao equilíbrio emocional, rompendo em parte com os modelos hegemónicos que definem a mulher bonita como magra, malhada, tonificada, mesmo entre estas mulheres, às vezes a estética vai se infiltrando no discurso, como algo que elas não gostariam de valorizar, mas que também não conseguem abstrair de todo.

A convergência dos vários elementos utilizados pelo sujeito para uma impressão de conjunto, que é apreendida globalmente e compreendida na sua diversidade através da experiência e da cultura é o que caracteriza a beleza.

Nesta ordem de ideia, o conceito de beleza tem vindo alterar-se não só pela influencia de modas, mas também dos factores tais como; culturais e sociais.

CAPÍTULO III

3.1 Procedimentos Metodológicos

Neste capítulo, apresenta-se as fases da pesquisa, os métodos, as técnicas, e o material usado para a recolha de dados.

Na primeira fase foi feita igualmente a revisão de artigos, dissertação de mestrado, doutoramento e monografia sobre antropologia do corpo, todos consultados da *internet*. Na revisão bibliográfica foram consultados materiais sobre a construção e concepção do corpo e metodologia de pesquisa em ciências sociais e na *internet* consultei revistas científicas sobre o corpo no geral e do corpo feminino em particular. Esta fase possibilitou uma familiarização com as abordagens sobre a percepção na construção do corpo feminino, na academia corpo saudável.

A segunda fase foi feita uma pesquisa exploratória de carácter etnográfico na Academia Corpo Saudável no Bairro de Laulane em Maputo, local de estudo de campo que teve como grupo alvo as praticantes de ginástica em geral e aeróbica em particular. Procurei de igual modo explorar através da observação directa aliada as conversas informais e entrevistas semi-estruturada no que concerne a percepção da construção do corpo.

A terceira e a última, consistiu na análise e sistematização dos dados recolhidos no campo de análise sobre a temática em estudo.

3.2 Métodos e técnicas de pesquisa no campo

A pesquisa é de carácter qualitativo e exploratório. Procuro da mesma, trazer uma abordagem no que diz respeito, construção do corpo feminino e as suas representações a partir da ginástica, ou seja, do exercício físico no ginásio.

A pesquisa de natureza qualitativa pode ser caracterizada como uma tentativa de compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características e comportamentos.

Segundo Richardson (1985). A pesquisa de natureza qualitativa permite uma análise teórica dos fenómenos sociais baseada no dia-a-dia dos indivíduos em aproximação crítica das categorias e formas como se configura essa experiência diária.

O método qualitativo é entendido como aquele capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos actos, as relações, e as estruturas sociais, sendo estes últimos tomados tanto no seu advento, quanto na sua transformação, como construções humanas significativas (Minayo1996).

Na mesma ordem de ideia Granger (1982), afirma que a realidade social é qualitativa e os acontecimentos em nós são dados primeiramente como qualidades em dois níveis, em primeiro lugar como vivido absoluto e em segundo lugar, enquanto experiência vivida em nível de forma, sobretudo de linguagem que a prática científica visa transformar em conceitos.

O uso das técnicas por mim adoptadas, são entrevistas semi-estruturadas, e as conversas informais que permitem ao pesquisador dispor de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado e permite maior flexibilidade e a fraca directividade do dispositivo que permite recolher testemunhos e as interpretações dos interlocutores, respeitando os próprios quadros de referências, a sua linguagem e suas categorias (Blanchet, A., et al 1985).

Esta ideia deve-se ao facto destas técnicas permitirem de forma possível o diálogo com o objecto pesquisado.

O uso dessas técnicas por mim adoptadas, teve-se em conta as orientações dos autores Malinowski (1984) e Oliveira (2006), para quem as conversas informais com a observação complementam-se, essa ideia é reforçada por Leach (1982) ao defender que o antropólogo deve ser capaz de obter informações a partir do uso de olhos e ouvidos de modo a descobrir como os informantes descrevem a sua cosmologia e aliado a antropologia interpretativa de Geertz (1989) quando sustenta que a realidade social do grupo a ser estudado deve ser interpretada como um texto, estranho onde se constrói uma leitura através de uma descrição densa da estruturas de significados.

Desta maneira, estas técnicas são importância na medida em que possibilitam nos compreender sobre o que pensam, e sobre que maneira, em que os interlocutores (Mulheres) constroem as suas relações com o campo (ginásio), e por fim de que forma, este campo pode constituir-se como um processo de influência.

Ainda neste processo, de recolha de dados recorro ao uso de caderno de notas, telefone celular, e o processo de memorização.

O caderno de notas é para registar os conteúdos importantes das conversas e observações, este exercício, é importante na medida em que vai permitir o registo de notas, que posteriormente, constituirá em matéria de reflexão sobre o que esta patente no campo de análise relativo ao tema, olhando por um lado no que pode cingir nas próximas oportunidades.

O celular enquanto um auxílio nas técnicas de pesquisa ajuda na aquisição da informação, na medida em que os interlocutores se expressam rapidamente, não dando o espaço de anotar o que se pretende compreender, desta forma o celular facilita informação por gravar o que os informantes referem sobre o assunto.

E por fim, a memorização, este processo, nota-se fundamental pelo facto de permitir o pesquisador a intervir, e construir conhecimento a partir da capacidade de armazenar a informação sem recorrer ao registo da mesma (informação) desta maneira, não distrai o informante nem cria constrangimento no seu seio, face a dar informação credível.

3.3 Processo de selecção na inclusão e exclusão na pesquisa

A selecção das entrevistadas aconteceu no decorrer da observação participante, levando em consideração os seguintes requisitos: frequência e disponibilidade para a entrevista.

Apresentei-me como estudante finalista do curso de licenciatura em antropologia na *Universidade Eduardo Mondlane* às entrevistadas, de igual modo expliquei de forma colectiva e individualmente os procedimentos das entrevistas e marcávamos o horário para a realização das mesmas (conversas). Visto que a esmagadora maioria das mulheres trabalha e apresentava a indisponibilidade do tempo, houve essa necessidade de se marcar o horário. Frisar que todas as

entrevistas foram feitas dentro da academia corpo saudável um dos campos da pesquisa num alpendre da mesma.

O critério de exclusão foi observado a não concordância em participar do estudo devido a falta de tempo de algumas informantes, visto que a etnografia era feita no intervalo das 17hrs às 18hrs:30min ou até mesmo às 19hrs dependendo da disponibilidade das informantes.

3.4 Perfil dos Interlocutores

Para esta pesquisa participaram dez mulheres com idade compreendida dos 22 a 38 com uma formação académica superior a nível médio das quais quatro são casadas oficialmente, três vivem maritalmente e as restantes cinco são solteira, que praticam exercício físico ou ginástica no intervalo de quatro meses em diante na academia corpo saudável.

3.4.1 Desafios e Constrangimento no campo de estudo

Malinowski (1974) chama-nos a atenção afirmando que a inserção no campo de pesquisa é uma das grandes ferramentas que o pesquisador deve conquistar. E sobre a necessidade do pesquisador despir-se dos seus preconceitos na compreensão do desconhecido.

Na pesquisa antropológica vários constrangimentos foram encontrados, mas todas elas foram superadas, o primeiro constrangimento tive para conversar com o responsável da “*Academia Corpo Saudável*”, visto que não se encontrava em Maputo, mas com ajuda de *Personal Trainer*⁴ foi superada esta parte, o segundo constrangimento residiu no contacto com as informantes, durante quatro dias elas diziam que estavam sem tempo, pois tinham de ir e já era tarde, mas isso não levou o pesquisador a desistir e foi no dia 5 de Fevereiro de 2015 que foi concedido uma conversa com uma das informantes, partindo dela e com ajuda do *Personal Trainer*, fui tendo mais informantes.

⁴É o profissional de deve ter uma formação em educação física, que está capacitado a ministrar e supervisionar os treinamentos seguindo os objectivos de quem o contrata respeitando os princípios do treinamento.

CAPÍTULO IV

4.1 Apresentação e Análise do material etnográfico

O presente estudo foi realizado na Academia Corpo Saudável localiza-se no Bairro de Laulane, na rua da Beira número 362, no distrito Municipal Ka Mavota, o Bairro de Laulane faz parte do Distrito Urbano número 4 actual Distrito Ka Mavota, faz fronteira com os Bairros de ferroviário das Mahotas e Bairro 3 de Fevereiro situado no mesmo distrito Municipal Ka Mavota.

4.2- Concepção do corpo perfeito, construído pelas mulheres em análise.

Nesta secção mostra como é que algumas mulheres por mim estudadas concebem a noção do corpo perfeito. As mulheres entrevistadas, concebem o corpo belo, corpo perfeito e corpo bonito como sinónimo, sendo aquele que apresenta uma boa estrutura física, sem possuir um determinado defeito corporal, corpo este sem banhas e com pouca gordura localizada, sem celulite e não pode possuir uma barriga exagerada ou fora do normal, de igual modo o corpo perfeito para elas deve ser acompanhado por alimentação e que não deve ser susceptível de preconceito.

Desta forma o corpo tem sido entendido por essas mulheres como meio de representação e contenda para inclusão e exclusão a um determinado grupo social, mostrando assim a subjectividade. Ao se proferir que “Este corpo é belo”, não se emite nenhum conceito universal oferecido pelas propriedades do objecto (corpo), mas somente uma sensação que foi agradável ao sujeito. “Ao mesmo tempo, quando diz “Este corpo é belo”, o sujeito não se contenta com o facto de isto ter validade só para ele: demanda um consentimento geral, como se tivesse emitido um conceito objectivo” (Freitas 2010).

“Quero saúde e corpo perfeito, com exercícios consigo alcançar o corpo perfeito, pois sem exercícios sou propensa a engordar porque durante a gestação relaxas e a estrutura natural do corpo sofre transformações. Após o parto recomecei para reestruturar o corpo. A parte que mais atenção chama é uma barriga bem estruturada, barriga estruturada é sinónimo de corpo perfeito enquanto a barriga com banhas e pneus não ajuda no corpo. (Nersia 05-02-2015, às 19h18min: 23)”

A maior preocupação da entrevistada é buscar a saúde e corpo perfeito, e o corpo perfeito para ela deve apresentar certas características, características essas que devem agradar o sujeito observador. De igual modo para ela, a barriga é que define a perfeição do corpo. Sustentando essa lógica do pensamento apresentada pela entrevistada, Freitas et al (2010), salienta que a beleza pode, então, se expressar de forma idêntica em muitas delas. Em contrapartida, o que é belo para um povo pode não receber a mesma qualificação em outra sociedade. Entretanto, em conformidade com a sucinta definição já vista, em qualquer uma delas, aquilo que é visto como belo será, sem dúvida, algo que causa satisfação, prazer, agrado ao observador.

“Sinto-me gorda e vejo que preciso de dar chega pra lá esse corpo que tenho. Você pode não dizer que sou gorda porque está aqui. Sabe é difícil você andar e ver pessoas a virarem para traz quando você passa, por mais que não estejam a reparar para ti, você acaba se sentindo mal sabe!

Já perdi alguns quilinhos no corpo, mas ainda vejo que há uma necessidade de fazer mais para ter um corpo melhor. Corpo melhor é aquele que você sabe que não vão te discriminar na rua, dizerem que você como é gorda! Não vou te mentir moço, eu não gosto deste corpo. Eu não era assim, tinha um corpo bonito, mas também não era magra (Gilda 16-02-2015, as18hrs).”

A preocupação da entrevistada é de certa forma construir o seu corpo por questão de preconceito e, que o corpo bonito não pode ser visto como sinónimo da magreza. Desta forma, fica claro que ser gorda neste contexto é o motivo de preocupação com o seu corpo. A ideia actual, cria a necessidade e o dever do indivíduo de interferir no seu corpo, mudando-o com a intenção de sentir-se aceite e bem sucedido no âmbito das relações sociais (Rocha 2011: 75).

“Preciso manter a forma diminuir a barriga e manter os músculos firmes. Não me agrada a imagem que vejo no espelho, pretendo reconstruir o corpo o ideal e voltar a ter o corpo que tinha no passado antes de dar parto (Anastácia 32ano de idade, 27-03-2015, as 17hrs).”

Para esta entrevista, a barriga é um elemento principal e preocupante para ter um corpo desejável. A existência de um corpo ideal deve passar pela retirada da barriga, pois esta é um dentre vários elementos mais destacado no corpo delas.

4.3 Ginástica como meio de modelação dos corpos

Nesta secção mostro como a prática da ginástica é um instrumento fundamental para a construção de corpo feminino em geral e mulheres em análise particularmente.

“O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo, tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio” (Foucault 1979:146).

“Comecei a fazer ginástica desde 2013, os benefícios da ginástica, é que é uma prática natural saudável sem nenhum químico, não traz nenhum efeito colateral. As pessoas sedentárias são propensas a engordar, porque sentadas em casa comem tudo que vê na frente. A maior preocupação é diminuir a barriga. Quero ter uma barriga bem estruturada sem banhas de preferência sixpack⁵, busco saúde e corpo perfeito. Aeróbica permite um corpo sem gorduras e muito bem estruturado (Nersia 25-05-2015, às 16h18min: 23)”.

Esta entrevistada pretende salientar que a opção pela prática da ginástica deve-se ao facto, de ser uma prática natural que de certa forma não trás nenhum efeito colateral na reconstrução do corpo. A maior preocupação da entrevistada é buscar a saúde e corpo perfeito a partir de exercício físico, de igual modo para ela, a barriga é que define a perfeição do corpo. Segundo a

⁵É uma que apresenta uma boa estrutura, aparentemente sem um determinado defeito Significa a definição dos músculos do abdómen. Quando definidos apresentam três grupos laterais horizontais com duas colunas verticais o que dá a ilusão de 6 divisões definidas na barriga. Em inglês designa-se sixpack (pacote de seis)

entrevistada, a falta de exercício físico contribui para a acumulação de gordura deixando assim o corpo deformado.

Durante a gestação o corpo da mulher sofre certas transformações segundo a entrevistada, e é o momento em que a mulher fica quase em repouso, tornando assim, propensa a engordar. Com ajuda de exercício físico, no caso da aeróbica pretende reconstruir o seu corpo, pois o que incomodava é a barriga com banhas pneus e a mesma é o factor de preocupação para atingir um corpo perfeito é ter barriga *sixpack*.

Segundo Bourdieu (2007), as preferências alimentares são relativas à ideia que cada classe faz do corpo e do efeito que a alimentação tem sobre ele, ou seja, o efeito da alimentação refere-se à força, à saúde, à beleza – categorias que tem hierarquias e sentidos diferentes para as diferentes classes. As classes mais populares estão mais interessadas na força do que na forma do corpo, por isso tendem a consumir produtos que sejam ao mesmo tempo mais barato e nutritivo. As classes mais abastadas privilegiando a forma do corpo consomem alimentos leves, saudáveis e que não fazem engordar.

Segundo Ferreira (2000) o corpo está mais estreitamente conectada com o exercício físico, o padrão se concretizaria em um corpo que forneceria as formas a serem copiadas na construção de outro corpo que buscasse ser belo.

“Faço ginástica para ter um corpo estruturado e corpo bem bonito. A maquilhagem é apenas parte do rosto, não me preocupo muito com o rosto por ser mais simples de trabalhar. Mas o corpo não é fácil não! (Dulce 23-02-2015, as 17h22min)”.

A entrevistada logo a priori deixa claro, que esta prática é influenciada pelo meio social em que ela se encontra, mas que o objectivo dela é ter um corpo bonito e bem estruturado. Ela mostra que num único corpo reside outro corpo que é o rosto, que esse segundo é o mais simples de construir por meio de cosméticos.

“Cada corpo é um corpo há quem tem músculo traseiro grande é perfeição da natureza, ha aquele (corpo) que recorremos aos exercícios físicos, meu corpo é bonito assim, estou satisfeita apenas faço ginástica para atingir a perfeição não estou à busca de um corpo igual à de outra pessoa como algumas que tenho encontrado nos lugares de lazeres, a

dizerem que quero umas boas nádegas que nem da actriz de tal ou artista tal. Este meu corpo é belo e aguento-o. (Jessica 27-02-2015, às 18h30min. 28 anos)”

A entrevistada diz que começa a frequentar ginásio não por estar gorda, mas porque o círculo das suas amigas frequentava ginásio e sempre a conversa era ginásio, acabou entrando no ritmo tanto que hoje gosta de fazer a actividade física, a preocupação é de trabalhar o corpo, mas dá ênfase ao traseiro, pois para ela não faz mal algum ter um traseiro que nem das modelos da revista. Mas o objectivo dela não é ter um corpo igual ao de alguma celebridade tanto que está satisfeita com o resultado diz ela que o bumbum está no ponto.

Sustentando este posicionamento, Le Breton (2008), vivemos em uma época em que o corpo, matéria modulável, pode ser concebido como acessório da pessoa, que o modifica de acordo com a ideia que faz dele. Ideia essa que advém das relações que são formadas na sociedade.

“Comecei em Dezembro de 2014, preconceito quando estivesse para sair com os amigos, dificuldades para me vestir achava-me feia a roupa não ficava bem em mim (13-03-2015, às 18h15min)”

A entrevistada diz que começa a praticar exercícios, porque não sentia se a vontade para sair com os amigos sentia dificuldade em escolher roupas para vestir e sair com o grupo de amigos achava se feia. Isso significa que, existem certos padrões de corpos exigidos na sociedade que são construídos pelas pessoas, existindo assim, um grupo que propaga uma ideia padronizada de beleza. Nesse sentido, para ser incluído em determinado grupo, é necessário aceitar suas próprias escolhas, quando isso não acontece, corre-se o risco de ser excluído automaticamente.

“As roupas não me servem a dificuldade para comprar roupa, a barriga incomoda tira estética. Prefiro exercícios porque são naturais e controlar a alimentação prefiro fazer no ginásio porque há pressão, pago e tenho alguém para fazer o acompanhamento e tenho companhia dos colegas. Já cobicei corpo de celebridades, mas nunca quis ter igual porque não irei alcançar, busco meu corpo ideal, tirar as gorduras todas da barriga (Gertrudes 27 anos de idade, 10-06-2015, as 19hrs)”

A entrevistada olha o exercício e a dieta alimentar como forma natural na busca de estética. Optou pelo ginásio por ter acompanhamento de um profissional e o facto de ter de pagar constituía um certo estímulo para praticar com determinação. O facto de a entrevistada ter cobijado um determinado corpo, não quer com isso dizer que pretende ter um corpo igual, mas que, chegar a um corpo que define como desejado.

Nesta ordem lógica fica claro que o “culto ao corpo” foi definido como “um tipo de relação dos indivíduos com seus corpos que tem como preocupação básica o seu modelamento, a fim de aproximá-lo o Máximo possível do padrão de beleza estabelecido” (Castro 2003:15).

“Gosto de praticar exercícios, desde criança sempre fazia isso, mas era aquela coisa não é?”

Agora sinto necessidade e dá prazer você saltar corda, não carregar pesos porque tenho medo de ter músculos duros que nem aqueles homens lá dentro. Dantes eu fazia por fazer, mas agora faço e sinto que alguma coisa em mim mudou sabe! O exercício físico te faz mudar de vida até na própria alimentação. “Você não pode correr, pular até mesmo fazer outros exercícios sem comer o corpo não vai aguentar (Dorca 38 anos, 17-06-2015 à 16hrs)”.

A entrevistada evidencia claramente que o quão da prática do exercício físico não tinha nenhum objetivo durante a sua infância, que, mas com o tempo foi ganhando algo de diferente no seu corpo. Para ter um corpo perfeito sinónimo de corpo saudável, deve haver uma combinação com a alimentação. A informante deixa claro que usa o corpo como elemento simbólico, pois o mesmo o representa em diferentes esferas sociais.

O corpo perfeito/bonito para ela é um corpo que não possui banhas nem gorduras localizadas, assim sendo, podemos defini-lo como um corpo estético.

“Nenhuma mulher é feliz por ter um corpo como meu, feliz por ser gorda. Não, porque existem pessoas que se sentem inferiorizadas porque algumas são magras, com corpo bem fino. Neste caso aparecer eu que sou gorda, é motivo de risos para elas. Comia tudo que me aparecia de antes, mas agora regularizo a minha dieta alimentar. Nós as

gordas sofremos por não corresponder a um certo modelo do corpo (Dircia 30 anos, 22-06-2015 às 18:30min.)”.

De igual maneira, Fernandes (2004) justifica que a ginástica se configura como uma possibilidade de modificação corporal em busca do padrão de beleza e de boa forma, a saúde aparecendo como um objectivo apenas no nível do discurso, opondo-se a prática. Assim sendo Fernandes (2004), diz que os conceitos *bem-estar, saúde, qualidade de vida e alimentação* são termos que os indivíduos usam como equivalentes. Termos esses que, para ela, não poderiam ser confundidos, uma vez que restringem o conceito de saúde a esfera de responsabilidades individuais e aspectos circunscritos ao indivíduo, como o bem-estar e a estética corporal.

4.4 Discursos convergentes e divergentes nas abordagens apresentadas pelas mulheres em análise na construção do corpo.

Nesta última secção mostro como se processa os diferentes discursos que as mulheres apresentam como fundamento para e/ou na construção dos seus corpos com vista a atingir um certo corpo por elas desejado. De igual modo esses discursos são justificados à luz por alguns autores em certos estudos etnográficos, esses mostram que existe uma certa lógica de conceber o belo de forma diferente, mas no mesmo contexto geográfico.

“Tenho um corpo perfeito, uma perfeição proporcionada pela natureza. Corpo perfeito é este corpo que tenho, porque não tenho muitas gorduras e pelo menos chamo atenção quando ando. Um belo corpo sempre esteve nas mulheres. Tenho uma barriga lisa, não posso dizer que tenho uma barriga sarada, mas o aspecto está no ponto. Sempre que chego aqui na academia vou ao espelho primeiro para ver o que está a mais em mim e o que devo tirar ou aumentar no meu corpo.

Gosto de ver revistas de moda com celebridades para me informar mais acerca do corpo desejado ou bonito.

Olha eu acho que toda mulher na idade após devia fazer ginástica ou qualquer tipo de exercício, para tirar a barriga. É normal que algumas né amarram capulana ou cinto para diminuir a barriga (Joana 26 anos de idade, 08-08-2015, à 16:25)”.

“A que escolhe as formas de ter um corpo desejado, eu optei pela ginástica por ver de que não podia me submeter a certos comprimidos para emagrecer”. Tenho amiga que tomam um tipo de medicamento para ter um bom corpo.

Já pensei nisso, mas tive medo talvez de surtir um efeito colateral no meu organismo. A ginástica e a alimentação devem andar juntas para esta manutenção do corpo. Eu sou fofinha, esse meu corpo é perfeito e bonito. Sabe por mais que eu venha aqui todos os dias acredito que não será fácil ter aquele corpão de algumas mulheres (Mônica 29 anos de idade, 08-08-2015, às 19h30minmin).

O discurso apresentado pelas entrevistadas mostra que existem uma similaridade na categoria do conceito corpo perfeito. As mulheres têm a tendência de procurar certos meios para alcançar um determinado corpo desejado, esses meios resultam em diferentes técnicas. Mas elas optam pela ginástica por não possuir um fim negativo para o corpo em processo da construção.

Acredito que as técnicas de conceptualizar o corpo perfeito são sempre técnicas culturais que visam corrigir ou alterar elementos do corpo em última instância, elementos da natureza. Para a primeira entrevistada a beleza é um dom ou algo natural que pode, desde que sem excesso ser alcançada.

Em vista disso, o que define corpo é seu significado, o fato de ele ser produto da cultura, ser construído diferentemente por cada sociedade, e não as suas semelhanças biológicas universais (Daolio 1995: 41).

CAPÍTULO V

5.1 Considerações finais

O presente estudo procurou compreender o processo de construção do corpo feminino entre um grupo de mulheres na Academia Corpo Saudável na cidade de Maputo. O processo da construção e representação do corpo, não deve ser discutido numa perspectiva simplista ou homogeneia, pois o corpo esconde discursos sociais e individuais, e ele pode ser visto também como epílogo da sociedade na qual está inserido. Tomando em análise o grupo de mulheres por mim observado, fica claro que certas regras culturais podem ser concebidas e aplicadas para um determinado contexto geográfico no que concerne a padronização da beleza concebida pelas mulheres de forma universal.

Assim sendo, o corpo das mulheres estudadas é construído a partir da ginástica associada à alimentação. A construção do corpo feminino entre esse grupo alvo resulta da prática de exercícios físico e a alimentação contrapondo a ideia de que o processo da construção do corpo perfeito pode ser compreendido a partir de diferentes series de cosméticos e cirurgias plásticas. E que a alimentação e a ginástica são dois importantes elementos na construção de um corpo perfeito e saudável, estabelecendo assim, uma relação dicotômica entre os mesmos. Elas deixam claro que o corpo perfeito é o resultado da prática de exercício físico e alimentação.

O corpo para esse grupo alvo é dividido em diferentes partes, e que para elas no mesmo corpo existem vários corpos com que elas preocupam-se mais e é difícil de ser construído, no caso da barriga, músculos e bunda, partes essas que tornam o corpo perfeito. Enquanto que a parte da face ela é um elemento que se constroem com facilidade em pouco tempo, o que faz com que elas não se preocupem tanto em construir.

O presente relatório permitiu compreender as diferentes lógicas e discursos que essas mulheres possuem no que tange ao corpo, tomando-o como um instrumento para sua representação. Fazer ginástica é uma das formas de cuidar do corpo na beleza e na saúde, o exercício físico para essa categoria de mulheres uma preocupação fisiológica.

O relatório abre o espaço para as futuras pesquisas olharem o corpo perfeito numa perspectiva masculina no campo da ginástica e a alimentação, com vista a responder as preocupações que as mulheres levantam como justificativa na pretensão e na busca deste corpo.

Referências Bibliográficas

Alves, G. P. (2007). *Corpos no espelho: um estudo antropológico sobre as construções corporais através das cirurgias plásticas na cidade de Natal*. Dissertação de Mestrado, UFRN, Natal.

Alves, Fábio Lopes. (2011). *Os usos sociais do corpo durante a interação social entre garotas de programa e clientes*. São Paulo: Arte & Ciência, V6, n1. Pp: 1-17.

Aranha, M. L. de A.; Martins, M.E.P. (1996). *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna.

Becker, F. (1992) "O que é Construtivismo?" Revista de Educação AEC, Ano 21, Nº 23.

Berger, Mirela,(2006). *Corpo e identidade feminina: o culto ao corpo*. São Paulo. FLCH-Antropologia, USP- dissertação de mestrado. Pp:1-312.

Botelho, Flávia Mestriner. 2009. *Corpo, risco e consumo: uma etnografia das atletas de fisiculturismo*. Rio de Janeiro. Revista Habitus: revista electrónica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, v. 7, n. 1, p. 104-119.

Bourdieu, Pierre, (1984). *A Distinção*, São Paulo, Difel

Caslellani Filho, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.

Castro, A. L. (2001). *Culto ao corpo e sociedade mídia*, cultura de consumo e estilos de vida. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Castro, Ana Lucia de. (2007). *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Annablume, 2003.

Costa, J. S; Gomes, E. M. P; Neiva G. (2010). *Academias de ginásticas só para mulheres: inovação ou tradição?* In: Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte, 15. 2007, Recife. Anais eletrônicos do XV Congresso Brasileiro da Ciência do Esporte. Recife: CBCE. Disponível em: <www.cbce.org.br/cd/resumos/215.pdf>.

Crespo, J. (1990). *A história do corpo*. Lisboa: Difel, 1990

Daolio, J. (1994). *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus.

- Del Priore, M. (2000). *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Senac.
- Elias, Norbert, (1990). *O Processo Civilizador*, Rio de Janeiro, Zahar,
- Ferreira, Ricardo Franklin. 1998. *Construtivismo: Um momento de síntese ou uma nova tese?* Pp: 1-17.
- Fernandes, Rita de Cassia. *Significados da ginástica para mulheres praticantes em academia: corpo, saúde e envelhecimento*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- Freitas, M. C. S. (2002) *Mulher ligh: corpo, dieta e repressão*. In: FERREIRA, S. L.; NASCIMENTO, E. R. (Orgs.) *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA.
- Geertz, Clifford.([1973] 1978). *Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura* in: *Interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, Pp: 1-44.
- Giddens, A., 1994 (1991), *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta.
- Hastrup, K., (1995), *A Passage to Anthropology. Between Experience and Theory*. Londres: Routledge.
- Jaggar, Alison M. Bordo, (1997). *Gênero, corpo, conhecimento* [editoras]; tradução de Brítta Lemos de Freitas. - Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.
- Jodelet, D. (1998). *Les Representations Sociales*. Paris: P.U.F.
- Jodelet, D. (2001) (org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj.
- Jackson, M., 1981, "Knowledge of the Body", *Man (N.S.)* 18: 327-45.
- Langlade, A., Langlade, N. R de. (1970). *Teoria general de lagimnasia*. Buenos Aires: Stadium,
- Leach, E. (1982). *Da Etnografia Totalizante a Etnografia Micro Talhada*. “O meu tipo de antropologia”, in: *A diversidade do antropólogo*. Lisboa: Edições 70. Pp: 117-141.
- Le Breton, D. (2006). *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes.

- Lima, Heber Salvador de. (1996). *Os deuses que não morreram: ensaios de cultura agregada*. São Paulo: Loyola.
- Lipovetsky, G. (2000). *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Cia das Letras.
- Malinowski, B. (1974). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. *Ethnologia* 6 (8): 17-37.
- Marinho, I. P. (s/d). *Sistemas e métodos de Educação Física*. 5. ed. São Paulo: Cia Brasil.
- Mauss, M. (1974). *As Técnicas Corporais*. In: MAUSS, M. (Org.). *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/EdUSP, V.2, pp.209-33.
- Mauss, Marcel. (2003) *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosacnaif.
- Marconi, Marina de Andrade & Presotto, Zelia Maria Neves, (2006). *Antropologia uma Introdução*. São Paulo: Atlas S.A; PP 1-19/
- Mendes, D. (1933). *Beleza e Educação Física da Mulher*. *Revista de Educação Física*, v. 2, n.
- Mondim, Battista, (1981). *Introdução a Filosofia: Problemas, Sistemas, Autores, Obras*, São Paulo, Ed. Paulistana.
- Moscovici, S. (1988). *Notes Towards a Description of Social Representations*. *European Journal of Social Psychology*, n, p, 211-250.
- Moscovici, S. (2001). *Das Representações Colectivas às Representações Sociais*. In: D. Jodelet (Org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj. 45-66
- NEA – Núcleo de Estudos da Antiguidade www.nea.uerj.br26
- Novikoff, C. (2014). *Valores, Enfrentamento, Representações sociais: Experiências do Ensino Superior na área de Saúde*. 1ª ed. Salvador: Pontocom
- Oliveira, R. C. (1996). *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Unesp.
- Paoliello, Elizabeth, (1997). *Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física*. Campinas. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas.
- Perrot, Michelle, (2004). - *As Mulheres ou Os Silêncios das Histórias*, tradução de Viviane Ribeiro, São Paulo, EDUSC.

Porter, Roy. *História do corpo*. In: BURKE, Peter. *A escrita da História-Novas Perspectivas*. 3. reimpr. São Paulo: Unesp, 1991.

Rocha, J. C. (2006). *Beleza, Mídia e Identidade Juvenil: o corpo como bem de consumo na contemporaneidade*. Monografia de Conclusão de Curso. UFPI, Teresina.

Rodrigues, Jose (1989) - *Tabu do Corpo*, Rio de Janeiro, Achiamé, – O corpo na História, Rio de Janeiro.

Ramos, J. J. (1982). *Os exercícios físicos na história e na arte*. São Paulo: IBRASA.

Rodrigues, José Carlos, (1999). *O Corpo na História*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

_____. *Tabu do Corpo*. 7. Ed. rev. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

_____. *Tabu da Morte*. 2. Ed. rev. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

Sant'anna, Denise Burnuzzi de. (2005). *Apresentação*: in *As Políticas do Corpo Org: elementos para historia das praticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade. Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções.

Sarti, C. (2010). *Corpo e doença no trânsito de saberes*. São Paulo. Revista Brasileira de ciências sociais (RBCS), Vol 25 n°74. Pp: 1-23.

Sergio, A., Pereira, A. A. G. (s/d) *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia.

Silva (Coord). (1986). *Dicionário e ciências sociais*. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. Pp: 265-266.

Slater, M.; Ushoh, M. (1994). *Body Centred Interaction In Immersive Virtual Enviroments: Artificial life and virtual reality*, Citesser

Strathern, Marilyn, (1992), *Reproducing the Future: Anthropology, Kinship and the New Reproductive Technologies*. Nova Iorque: Routledge.

Soares, C. (1994). *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp.

Uamba, Midália. M. A. (2013). *Vigiar outros corpos e contestar suas Barrigas: Um estudo sobre Processos de Construção do Corpo Feminino entre um Grupo de Mulheres na cidade de Maputo*. Maputo-Uem, Pp: 1-29.